



Editorial

Sandro Adrián Baraldi

“Re-Antropogizar” o “Antropogizado”? Como “re-desfazer” sem “re-fazer”?

O escopo desta revista, e o que a inspirou, é o questionamento da mentalidade colonial e isto tem sido uma tarefa muito difícil. É quase um trabalho de psicanálise social visto que o sujeito que enfrenta uma angústia e se submete ao necessário atendimento psicanalítico não tem nenhuma referência válida “a priori” constituinte de seu ser-estar. Somos doutrinados desde a infância a servir a ideologia do local que habitamos, mas acabamos por entrar em choque com ela. Vejo a decolonialidade antropofágica dessa maneira: como saber o que fazer se o que já fazemos não está em sintonia com o que desejamos e gera uma angústia que não se pode ignorar? Esta angústia nos atira ao abismo do desconhecido, embora entremos nele com alguma bagagem cultural. Portanto, está posta a questão: o que fazer, sem “re-fazer”, sem “des-fazer”? Essa é a questão decolonial, tendo em vista que o conhecido aponta para a mentalidade colonial, ou, sendo mais específico, a mentalidade imposta pela Matriz Colonial de Poder¹ geradora atualmente dessas angústias coloniais que foram impostas ao planeta inteiro pela etnia eurocêntrica.

O que temos para sulear o caminho, para visibilizar alternativas, é o fato de que o ideário eurocêntrico colonial foi colocado na nossa mente pela linguagem e que, assim, não conseguimos escapar desta tragédia. A linguagem nos constitui e é com ela que nos comunicamos, portanto temos que “engolir” esta sina. Então, o primeiro passo é aceitar este “destino”, devorar a mentalidade dominante para construir outra. Como diz Denilson Baniwa, antropofagia é destruir o corpo do outro para reconstruir um corpo novo. A mesma linha de pensamento permeia a decolonialidade antropofágica: aceitar criticamente o que “somos-estamos sendo” para “re-fazer” o futuro. E depois disto feito, “re-antropogizar” de novo o que foi mudado para mudar de novo,

¹ <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/article/view/47/52>, página 5.

permitindo, assim, que a vida-sendo-vivida mude constantemente para direções não determinadas.

Baniwa pintou em 2019 o quadro "ReAntropofagia" (2019, técnica mista com base acrílica, 100cm x 120cm), que hoje está em comodato na Pinacoteca de São Paulo, onde permanecerá até 2023. A tela retrata a cabeça de Mário de Andrade cortada dentro de um cesto. *“O trabalho em si é uma crítica ao Modernismo, mas muito mais que uma crítica ele é uma oferenda, para que os artistas indígenas possam devorar, possam se servir. É como se eu juntasse o repertório modernista e entregasse aos indígenas para que comam e desenvolvam sua arte. É sobre antropofagia após tantos anos de colonização e sequestro da arte e cultura indígenas”*, explica Baniwa (Menezes, 2022).

Os artistas não indígenas usam frequentemente por tema a derrota dos povos indígenas, sustentando, de certa forma, o imaginário sobre esses povos nesse passado violento, que existiu, é claro, mas que obscurece a vida e a vitalidade do indígena atual preservando a maneira como se estes povos são vistos, como se estivessem em um zoológico intelectual.

Só que os indígenas não devem ser excluídos do dia a dia de todos nós. Eles estão vivos, são povos alegres – ao contrário do mau humor dos colonizadores – que instigam alegria à vida dos não indígenas, esses constantemente mal humorados, pelas suas qualidades, pela sua filosofia, pela sua cultura. Denilson lamenta que os artistas não indígenas não mostram a vitória desses povos que, apesar desse passado histórico colonial terrível, sobreviveram e estão presentes. Eles estão entre nós, agora, aqui, não devem ser obliterados da nossa realidade atual. São usuários de celulares, de automóveis, são poetas, são artistas. A cultura deles não se perde se fazem uso de violinos, de pianos, de vídeos. A crítica de Denilson foca o apagamento que se institucionaliza quando se deseja que os indígenas ocupem um espaço delimitado pelo imaginário não indígena. É justo que os indígenas reivindiquem o tempo presente. A arte e a ideologia que “submetem” o indígena a um tempo antigo é uma arte/ideologia/imaginário que aprisiona a cultura dinâmica do indígena contemporâneo a um tempo também imaginário.

Suponhamos, permitam-me uma fantasia possível, que somos imigrantes do clima ou de uma guerra perdida, acolhidos por outra cultura. O que gostaríamos que acontecesse lá chegando? Sem dúvida, que nos acolhessem pela nossa condição, mas não gostaríamos de ser vistos o tempo todo como aqueles infelizes que tiveram que fugir da guerra ou do clima, mas, sim, que sejamos incluídos na cultura, vistos pelas nossas qualidades e feitos. Queríamos pertencer ao local como todos pertencem, sem ser apontados como imigrantes o tempo todo. As histórias pessoais são já um misto disso: filhos de criminosos não querem ser estigmatizados pelo seu nascimento, nem imigrantes que

tiveram que fugir de suas casas de origem, nem pelo gênero, nem pela cor da pele, queremos estar integrados como todos os outros, participando na construção da cultura, usando os instrumentos linguísticos, técnicos, tecnológicos que já estão acessíveis a todos.

Concluindo: vamos nos aplicar a “antropofagizar” nosso presente e “re-antropofagizar” nosso futuro, continuamente, conforme as necessidades e os desejos apontarem, escutando e refletindo os saberes que vem de todo lugar.

Boa leitura!

Referências:

KACHANI, Morris. **Denilson Baniwa: a reantropofagia**. São Paulo: Estadão, 2023. Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/inconsciente-coletivo/denilson-baniwa-a-reantropofagia/https://www.estadao.com.br/brasil/inconsciente-coletivo/denilson-baniwa-a-reantropofagia/>

KACHANI, Morris. **Entrevista com Denilson Baniwa**. Disponível em <https://youtu.be/bAySt92G0jQ?si=AYDkHbldkSkItgpm>

MENEZES, Adriana Vilar de. **As referências indígenas no Modernismo: do caráter antropofágico à reantropofagia. Todo o repertório indígena vem de fontes indiretas, presença que se dá pela ausência**. Cienc. Cult. vol.74 no.2 São Paulo abr./jun. 2022. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252022000200018&lng=pt&nrm=iso

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Editor Chefe da Revista Cactácea <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/index>.

Pesquisador do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e filosofia

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/657508>.

Pesquisador do GRUPEFE- Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33966> .

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5055-2071>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>.